

*Um percurso teórico-analítico:  
“alg afim de tc?” como materialidade  
do gesto afetivo na sala de bate-papo hiv<sup>1</sup>*

**Cristiane Pereira Dias**  
Laboratório de Estudos Urbanos  
Universidade de Campinas (UNICAMP)

---

**O objeto**

Este trabalho, que vem sendo desenvolvido como pesquisa de doutoramento na Universidade Estadual de Campinas, tem como objeto de estudo o discurso de uma sala de bate-papo *hiv*.

Os 12 bate-papos já coletados foram obtidos numa sala do UOL. Para tanto, nos utilizamos de dois critérios básicos que chamamos periodicidade e frequência de usuários. Desse modo, mensalmente, de sexta a domingo, entre 19h00 e 03h00, dias e horários de maior frequência de usuários na sala, acompanhávamos o bate-papo e fazíamos a seleção durante um período em que havia fluxo de conversa.

Esse processo nos levou àquilo que Orlandi (1999) chama *superfície linguística*.

## O olhar

Dessa superfície lingüística, começamos o trabalho de construção do *objeto discursivo* (ORLANDI, 1999). Nossa preocupação nesse processo era como olhar para esse material, para essa superfície lingüística que tínhamos.

O que é fundamental nesse processo, em primeira instância, é entender que a Análise de Discurso busca compreender o funcionamento discursivo de determinado objeto. A pergunta que a Análise de Discurso faz é: *como* um objeto funciona?, como ele produz sentido? (ORLANDI, 1999) Com esses questionamentos começamos, então, o trabalho de leitura.

## A leitura do objeto

É natural, no processo de Análise de Discurso, que o analista trace vários caminhos de leitura, os quais servem para uma familiarização com o objeto, conduzindo à construção do *corpus* propriamente. Essas várias tentativas de recortar o objeto fazem parte do processo analítico, pois vai causar no analista aquilo que podemos chamar de *incômodo*. Em nosso trabalho, esse *incômodo* era o enunciado “Alg afim de tc?”, cuja materialidade deixava vestígios do funcionamento da sala de bate-papo que queríamos compreender. Esse enunciado produzia sentido, ele fazia funcionar aquela estrutura. Cabe dizer, porém, que o trabalho mais ardoroso do analista não é recortar o objeto, mas descrevê-lo. Mostrar seu acontecimento discursivo<sup>2</sup>.

Ter chegado a esse enunciado só foi possível porque nosso trabalho de leitura do objeto nos fez perceber que a questão da afetividade tinha uma estreita relação de sentido com o gesto de perguntar “alg afim de tc?”. E essa relação de sentido só pôde ser descrita pela historicidade do texto, pelo efeito metafórico (ORLANDI, 1996, 1999, 2001) do enunciado.

## O enunciado “alg afim de tc?” e a afetividade

Aparentemente, o enunciado “alg afim de tc?” e a questão da afetividade não tinham uma relação transparente, mas através da historicidade desse enunciado entendemos a não-transparência da linguagem. É aí que entra o trabalho de considerar o texto na sua relação com o interdiscurso, com a exterioridade, como um objeto sócio-histórico. Porque é o texto, como coloca Orlandi (2001), que vai nos dar acesso ao discurso, já que “o trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto”. É o que nos dá essa compreensão do discurso é o trabalho de ida constante ao *dispositivo teórico* e de retorno ao trabalho de análise, para a construção do *dispositivo analítico*<sup>3</sup>.

Desse modo, entender o que é afetividade, como ela atua em nossa sociedade e em outros períodos da história, era um caminho necessário a ser trilhado para a compreensão do discurso da sala de bate-papo *hiv*, sob o olhar do dispositivo analítico que tínhamos construído.

Desse processo, compreendemos que o amor, como uma das manifestações do afeto, faz parte das regras de socialização e das práticas culturais ao longo da história do mundo. Como busca da felicidade, esse gesto provoca efeitos sociais, políticos e culturais. O amor é, pois, uma instituição que, como todas as outras, tem seus rituais. Nesse sentido, consideramos a sala de bate-papo *hiv* como um *ritual* a partir do qual a afetividade faz funcionar o discurso, que se materializa, enquanto texto, na pergunta “alg afim de tc?”.

## O ritual afetivo

Com isso, construímos o *cenário discursivo da sala*, no qual o sujeito-usuário estava inserido com seu *gesto* de sedução. Tomamos, portanto, o enunciado “alg afim de tc?” como um mote organizador da montagem do *corpus*, e partimos para a análise desse *corpus* resultante dos recortes feitos.

Conforme dissemos anteriormente, esse enunciado só funciona na situação de enunciação da sala pelo deslizamento de sentido. Normalmente, se o sujeito-usuário não é conhecido na sala, ele não vai obter resposta se ele insistir na pergunta “alg afim de tc?”. Se ele já é conhecido, ou se conhece o funcionamento discursivo da sala, ele vai lançar a pergunta e imediatamente partir para o bate-papo, sem esperar uma resposta dos outros sujeitos que estão teclando na sala. Com isso, começamos a perceber que esse enunciado fazia parte de um ritual afetivo de conquista que funciona pelo deslizamento de sentido da pergunta “alg afim de tc?”.

Assim, os recortes, *alg afim de tc > alg afim de tc p/ namoro > alg afim de algo sério > alg afim de tc na real, sem frescuras*, nos dão a historicidade do discurso da sala, a partir da qual podemos compreender o ritual afetivo engendrado pelo enunciado em questão.

## O dispositivo teórico

É com o intuito de darmos uma idéia da maneira como estamos conduzindo nosso trabalho, que estamos descrevendo o processo de construção de nosso dispositivo de análise. O intuito, aqui, não é, pois, mostrar a análise em si, mas o caminho que trilhamos para chegar a ela.

Conforme coloca Orlandi (1999), “num retorno contínuo do objeto de análise para a teoria, num movimento constante de descrição e interpretação, o analista tece as intrincadas relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos” (p. 80). Assim, fomos tecendo nosso trabalho de análise nesse movimento de vai e vem entre teoria e análise.

É pela formulação que o enunciado “alg afim de tc?” cria, utilizando palavras de Deleuze (1968), “um espaço e um tempo próprios daquilo que se atualiza” (p. 344), textualizando, assim, os sentidos. Nessa perspectiva, é fundamental a noção teórica que diz respeito às condições de produção do discurso, pois é através dela que compreendemos a afirmação de Orlandi (2001) quando diz que “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam” (p. 12). É então que podemos compreender a constituição, pelo interdiscurso, a formulação, pela maneira como o discurso se materializa em texto, e a circulação, que é, no caso específico em análise, o ciberespaço.

Para Deleuze, o dinamismo espaço-temporal é atualizante. Ele cria, mediante a atualização de uma estrutura, “um espaço e um tempo próprios daquilo que se atualiza”. Nesse sentido, o *gesto afetivo* que se materializa pelo enunciado “alg afim de tc?” significa naquele espaço, naquele tempo, que é o do ciberespaço, enfim, naquelas condições de produção. Isso, necessariamente, institui uma relação do sujeito com o corpo. Dizemos isso porque, nos rituais de sedução antigos, o sujeito tinha uma relação específica com o corpo, que se manifestava, por exemplo, pelo olhar, em algumas épocas. Hoje, com o ciberespaço, o corpo, pode-se dizer, está textualizado nas palavras, no gesto de teclar, gesto este que pratica um sentido.

É, portanto, em busca da historicidade desse gesto que seduz, que estamos.

## Notas

<sup>1</sup> Agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pela concessão de bolsa de Doutorado (em curso).

<sup>2</sup> Sobre isso ver Pêcheux (1980), **O discurso: estrutura ou acontecimento**.

<sup>3</sup> Sobre a noção de dispositivo teórico e dispositivo analítico, ver Orlandi (1999), **Análise de discurso: princípios e procedimentos**.